

Presidente visita Câmara e Senado num clima de festa

BRASÍLIA
AGÊNCIA ESTADO

"Estou aqui prestando homenagem ao Congresso Nacional. Estou praticando a harmonia entre os Poderes" — disse ontem o presidente José Sarney a uma multidão de jornalistas, cinegrafistas e fotógrafos que acompanharam sua visita à Câmara e ao Senado.

Deputado federal desde a década de 50 e ex-senador, o presidente compareceu, pela primeira vez, ao prédio do Parlamento, depois de 15 de março, para uma visita de cortesia. Foi saudado por todos os líderes com assento na Casa e saiu aplaudido pelos populares que, à saída, gritavam: "Viva José Sarney! Viva a Nova República!" Embora estivesse na casa, o deputado Paulo Maluf não foi cumprimentar o presidente. A maioria dos malufistas, porém, festejou José Sarney e fez questão de aparecer a seu lado, perante as câmaras de TV.

Quando entrou no salão da Câmara, quase foi empurrado pelos cinegrafistas e por seus ajudantes, que tentavam acompanhar os passos do presidente, a quem muitos queriam cumprimentar. Sarney sentou-se ao lado do presidente da Câmara, Ulysses Guimarães, com quem tomou café. Levantou-se, a cada vez que um parlamentar vinha cumprimentá-lo, o que aconteceu também a seu adversário, Flávio Marçal, candidato à Vice-Presidência da República. Conversou com o líder do PT, Djalma Bom, e com o líder do PDS, Prisco Viana. Ulysses lhe disse: "Apesar de ser hoje quinta-feira, não houve a revoada. Todo mundo ficou para rebebê-lo".

"E então, Prisco?" — disse rindo Sarney. O líder do PDS respondeu algo que os jornalistas não ouviram.

O líder do PMDB, Pimenta da Veiga, comentou: "O pacto já está aqui. Já estamos conversando". Prisco negou: "Meu pacto afetivo com o presidente é antigo. O pacto político é outra coisa".

A deputada Rita Furtado (PFL-RO) brincou: "Já me colocaram três vezes na fila para cumprimentar o presidente, só para dizer que a Casa tem muita mulher. Agora chega". Ao ver os repórteres, esclareceu: "Embarco pelo Sarney eu viesse mais três vezes".

Quando o presidente da República chegou ao Salão Nobre do Senado, sentou-se ao lado de seu presidente, José Fragelli. Do outro lado, antes dos líderes da Aliança Democrática, já se sentara seu colega de Academia Brasileira de Letras e entusiasmado eleitor de Paulo Maluf, Luiz Viana Filho.

Os senadores Roberto Saturnino (PDT-RJ), Nélson Carneiro (PTB-RJ) e Amaral Peixoto (PDS-RJ) cercaram o presidente da República, pedindo-lhe solução favorável para o problema de pagamento de royalties, sobre extração de petróleo no Estado do Rio. Sarney prometeu solução favorável. Quando os senadores se dispersaram, o próprio presidente chamou os funcionários do Senado: "Ei, Edite" — foi como chamou a diretora de comissões da Casa, Edite Balasini. Uma fila de funcionários se formou, até de pessoal de limpeza, que abraçavam comovidos o presidente.

Ternia-se que Sarney, ao deixar o prédio do Congresso, fosse vaiado pelos metalúrgicos. Ao contrário, foi aplaudido com entusiasmo por plantadores de batatas do Interior de Minas, que se aglomeraram ali e inibiram os metalúrgicos. Somente quando o carro do presidente da República partiu na direção do Supremo, os operários paulistas se animaram a gritar: "Queremos nosso emprego, queremos nosso emprego!"

ULYSES

"A visita do presidente é um gesto de grande significado, que muito contribui para o fortalecimento da democracia. A visita é tradição do regime republicano. Os poderes são independentes entre si, mas são também harmônicos" — comentou o presidente da Câmara, Ulysses Guimarães.

Durante uma hora a sessão da Câmara esteve suspensa, ontem, para que os deputados pudessem comparecer ao Salão Negro da Casa e cumprimentar o presidente José Sarney. Logo depois de suspender os trabalhos, o presidente da Casa, Ulysses Guimarães deixou o plenário e foi receber o visitante. Em plenário, permaneceram apenas poucos deputados, quase todos malufistas — inclusive o próprio Paulo Maluf (PDS-SP), que pelo terceiro dia consecutivo comparecia a uma sessão da Câmara.

No STF, homenagem reverente ao Judiciário

BRASÍLIA
AGÊNCIA ESTADO

O presidente José Sarney chegou cinco minutos adiantado ao Supremo Tribunal Federal e provocou constrangimento porque o presidente José Carlos Moreira Alves ainda estava em seu gabinete. Ele foi recebido pelo secretário da presidência, Jaime Almeida, e pelo chefe de gabinete, Ronaldo Barros. Depois Sarney se justificou, em conversa informal com os ministros, dizendo ter saído apressado do Congresso.

O presidente e os 11 ministros do STF conversaram informalmente durante 15 minutos, cada um evocando casos curiosos de suas carreiras. O presidente José Carlos Moreira Alves entrou no salão nobre quando Sarney já conversava com os demais ministros, e se desculpou pelo atraso. "Não se incomode, eu é que cheguei adiantado", observou Sarney. "Eu estava em meu gabinete e saí em desabalada carreira" — respondeu Moreira Alves. Depois ainda chegaram os ministros Otávio Galoti e Cordeiro Guerra, que também estavam em outra sala.

O presidente da República disse que sua visita ao STF não pôde ser feita antes por causa da interinidade e por estar organizando o governo, mas seu desejo era não apenas homenagear como também reverenciar o Supremo, porque mais importante do que a lei é o respeito à lei. O ministro Moreira Alves sugeriu que o Judiciário gostaria de participar da Comissão da Constituinte; o presidente respondeu que esse será o evento mais importante de seu governo.

Moreira Alves comentou que o salão nobre onde se encontravam dava uma falsa impressão de riqueza do Tribunal, mas a tradição do Supremo é de austeridade. Cordeiro Guerra recordou um antigo procurador geral da Justiça que se revelava sempre bem-humorado porque tinha apenas dois aborrecimentos por dia, acrescentando que na Presidência da República esse número deve ser multiplicado. Os ministros passaram a contar casos espirituosos e Cordeiro Guerra lembrou a importância do "livrinho" — como o ex-presidente Dutra se referia à Constituição. "Eu também coloquei o 'livrinho' na minha mesa" — disse Sarney rindo, e relatou que há dias um visitante lhe disse que a Constituição atual é imperfeita. Recordou então que Benjamin Franklin, mesmo depois de participar da elaboração da Constituição americana, comentava que nunca tantos sábios se haviam reunido para realizar uma obra tão imperfeita. Falou-se depois em plágios e o presidente contou que o escritor Jorge Luis Borges foi criticado na Argentina por estar-se repetindo muito, mas se defendeu dizendo que pelo menos plagiava a si mesmo, "ao contrário dos que plagiam as obras de terceiros".

A rápida visita foi marcada pela descontração. Após 15 minutos, Sarney se levantou e repetiu a Moreira Alves que fez questão de ir pessoalmente ao Supremo Tribunal Federal dar uma demonstração de apreço ao Judiciário e seus integrantes. Moreira Alves e os demais ministros levaram o presidente até a saída, onde Sarney assinou o livro de visitantes ilustres. "Uma tradição nossa" — comentou o presidente do STF.